

**SOCIEDADE** 1 de maio 2020**Dois meses de uma luta que vai continuar**

Faz sábado dois meses que se confirmou a chegada da covid-19 a Portugal. De então para cá, já foram infetados 2838 profissionais de saúde, dos quais 462 médicos. O doente mais velho tem 111 anos e o mais novo apenas dias.



Mafalda Gomes

Marta F. Reis

marta.reis@newsplex.pt

Os primeiros dois casos de covid-19 foram confirmados a 2 de março. A 15 de março fecharam as escolas, quando já universidades e muitas empresas tinham optado por enviar estudantes e trabalhadores para casa. A 18 de março, o país passou a viver em estado de emergência. A curva de uma primeira onda que poderia ter sido trágica achatou. Portugal é dos países com mais casos, mas foi também dos que mais testou. Até esta quinta-feira, a covid-19 tinha levado 973 pessoas, mas aumentaram também as mortes por outras causas. Dois meses de uma luta que vai deixar cicatrizes, como já disse a ministra da Saúde, mas também vitórias. E vai continuar.

O dia em que tudo mudou

A confirmação de que tinham sido detetados os primeiros casos no país chegou às primeiras horas da manhã de 2 de março, uma segunda-feira. No epicentro do vírus, a situação parecia controlada, mas silenciosamente este já se tinha espalhado em Itália e



Espanha e depressa a Europa começou a registar um aumento exponencial de casos importados, associados às feiras de calçado em Milão e a férias na neve. A partir dos boletins da DGS, percebe-se que os casos confirmados no país na primeira semana de março foram de pessoas que começaram a ter sintomas a partir da semana de carnaval – e a partir daí a epidemia começou a crescer.

18.º país com mais casos

Com mais de 24 500 casos confirmados até quinta-feira, Portugal surge no mapa-mundo com o 18.º país com mais casos detetados. E, se a China foi o epicentro inicial da pandemia, já oito países passaram o que há dois meses ainda parecia uma tragédia irrepetível: com mais de um milhão de infetados, os EUA registam um terço dos casos a nível mundial e mais de 60 mil mortes. Surgem depois Espanha, com 239 mil casos, e Itália, com 205 mil. Em cada um destes países, os primeiros na Europa a levar com o tsunami da covid-19 – e os que fecharam mais tarde – a epidemia causou nas últimas semanas mais de 20 mil mortes, cinco vezes mais do que tinha sido reportado pela China. O site *Worldometer*, uma das ferramentas mais úteis desde o início da pandemia para perceber a evolução da situação a nível mundial, permite também perceber que, ajustando os casos à dimensão do país, Portugal é o 20.º país com mais casos por milhão de habitantes. O impacto foi grande, mas há outros indicadores que ajudam a enquadrar a análise: o número de testes e as mortes. Depois da demora inicial, do entupimento da linha SNS24, na definição de caso que só na segunda semana de março passou a alargar testes a todos os casos de pneumonia e ligações a mais países que não ao Oriente e Itália, Portugal passou a ser dos países a reportar mais testes realizados. Até esta quinta-feira tinham sido processadas 395 mil amostras, o que coloca o país no 15.º lugar dos que registam mais testes por milhão de habitantes. Com um número maior de testes, diminui a hipótese de uma epidemia subestimada e transmissão descontrolada, mas com a população na rua o apelo da OMS – testar, testar, testar – e a necessidade de rastreio de contactos e de isolamento de doentes mantêm-se.

O mais velho e o mais novo

Sem defesas contra um novo vírus, todos o podem apanhar. E em dois meses muitos apanharam-no e lutaram. Um bebé de 28 dias foi o doente mais novo. O mais velho, revelou ao SOL a Direção Geral da Saúde, tem 111 anos e está ainda a receber assistência. O doente mais velho recuperado tinha 100 anos. A história de Luciano, que festejou um século de vida no Hospital de São João, deu esperança em tempos incertos, em que os tratamentos ainda estão a ser testados e os cuidados invasivos, como a ventilação, são mais difíceis para os mais idosos.

Os que perdemos

Até ontem estavam confirmadas 973 mortes no país por covid-19, com a taxa de letalidade calculada em 4% – dispara para os 13% nas pessoas com mais de 80 anos. Em tempo de comparações, Portugal é o 20.º país com mais mortes associadas à covid-19, mas os países seguem diferentes critérios na contagem dos seus mortos que tornam as comparações ainda mais relativas. E nada alivia as perdas – ainda mais difíceis quando as visitas nos hospitais e lares, onde estava um terço destas vítimas mortais, estiveram limitadas durante todo este período. E os funerais condicionais. A DGS indicou ao SOL que a vítima mortal



mais velha foi uma senhora de 102 anos. A mais nova uma mulher de 40 anos. Em Santa Maria da Feira, um adolescente de 14 anos morreu em março. Testou positivo para o vírus, mas a causa de morte apontada foi uma meningite, tendo sido excluído do balanço nacional.

Profissionais infetados

Desde o início da epidemia que médicos, enfermeiros e técnicos denunciaram falta de equipamentos de proteção, o que os levou a usar as mesmas máscaras durante dias e aumentou os receios de contágio. Hospitais e Ministério da Saúde reforçaram encomendas e as reservas nacionais aumentaram. Na fase de mitigação, todos os profissionais passaram a usar máscara e a mesma passou a ser obrigatória para qualquer doente que entrasse num centro de saúde ou hospital. Os esforços para controlar a infeção foram reforçados, mas o impacto nas tropas foi grande. Até esta quinta-feira, a DGS tinha recebido reporte de 2838 casos de infeção entre profissionais de saúde, dos quais 462 médicos e 738 enfermeiros. Representam 11,3% dos casos diagnosticados no país desde o início da epidemia.

Mais mortes por explicar

Desde o início de março que se começa a notar um aumento da mortalidade no país e, comparando com anos anteriores, diferentes estudos têm alertado que o número de mortes entre a segunda quinzena de março e a primeira quinzena de abril superou as médias dos últimos anos. Um estudo da Escola Nacional de Saúde estimou mais 1255 mortes entre 16 de março e 16 de abril. Esta semana, um trabalho coordenado por António Vaz Carneiro, da Faculdade de Medicina de Lisboa, estimou um excesso de 2400 a 4000 mortes, que poderá ser assim quatro a cinco vezes superior aos óbitos associados à covid-19 até 22 de abril. A quebra nas idas às urgências é uma das preocupações: neste período, estimam que tenha havido menos 191 mil doentes com pulseira vermelha nos hospitais. A Direção Geral da Saúde tem também estado a analisar a mortalidade e já reforçou o apelo para que os doentes que precisem procurem os hospitais. A DGS confirmou ao SOL que houve um ligeiro aumento das mortes a partir de 16 de março, de cerca de 8% por dia. Em abril, verificou-se até dia 25 um aumento de 1331 óbitos face ao esperado, uma subida de 17%, que reduz para 598 se se excluir as mortes por covid-19. O dia 4 de abril foi o que registou até ao momento um maior pico de mortalidade, com 108 mortes acima do expectável, um aumento de 35%. As causas estão ainda a ser investigadas – num processo que foi antecipado em um ano e implica rever todos os certificados de óbito. Uma das hipóteses sugeridas pelos estudos, além do adiamento da procura de cuidados de saúde, é a possibilidade de haver uma subestimação das mortes por covid-19. E, ao SOL, a DGS diz que é razoável esperar que, concluída a análise, o número de óbitos atribuíveis à covid-19 seja ajustado.

A linha da frente

As farmácias a assegurar aconselhamento e resposta direta. A linha SNS 24 num primeiro atendimento. E os centros de saúde com locais próprios dedicados à covid-19. Além, disso, os hospitais alargaram a resposta de cuidados intensivos, Portugal comprou e recebeu de oferta ventiladores que não tinha, com os equipamentos de proteção e material clínico também produzido pela indústria nacional e doado pela sociedade civil. Aos hospitais, muitas empresas e particulares fizeram ainda chegar refeições, gel de banho, chocolates.



Até ao momento, terão passado por internamento hospitalar perto de 4000 doentes que testaram positivo para a covid-19 – no dia com maior pressão, 16 de abril, estavam internados em todo o país 1300 doentes. A maioria das pessoas, 86%, tem feito a recuperação em casa, lares ou outras estruturas de apoio como hospitais de campanha. De acordo com os boletins diários da DGS, o dia com maior ocupação de cuidados intensivos foi 7 de abril, quando estiveram internados nas unidades de todo o país 271 doentes, abaixo da capacidade nacional.

Recuperar exames e cirurgias

Para preparar a resposta à covid-19 e reduzir o risco de contágio nas instituições, o Ministério da Saúde decidiu a 16 de março suspender cirurgias e consultas não urgentes. A quebra de atividade é transversal, com um único sinal positivo: as consultas não presenciais por telefone nos centros de saúde aumentaram 36%, sublinhou quinta-feira o secretário de Estado da Saúde. E os doentes operados muito prioritários subiram 5%. Sem avançar números absolutos e metas para a recuperação da atividade no SNS, António Lacerda Sales revelou que até ao final da semana passada, comparando com os meses do ano passado, houve uma quebra de 13,4% nas consultas de especialidade nos hospitais e menos 11,9% exames complementares de diagnóstico. «Estamos a montar uma estratégia para a recuperação desta atividade de uma forma gradual e paulatina e priorizando doentes de maior risco», disse, sublinhando o papel que poderá ter a cirurgia de ambulatório. O São João, no epicentro da resposta à covid-19 nos últimos dois meses, dá nestes primeiros dias de maio um sinal importante da retoma que se anseia também no SNS. Esta sexta-feira, feriado, e este sábado, serão chamados doentes de ortopedia que ficaram por operar, disse ao *SOL* o presidente do conselho de administração, Fernando Araújo. Há novos circuitos e todos os doentes são testados previamente.